

# ESTUDO COMPARATIVO DAS RASURAS ORAIS COMENTADAS EM PROCESSOS DE ESCRITURA DE DUAS DÍADES DE ALUNAS RECÉM- ALFABETIZADAS<sup>1</sup>

Mayara Cordeiro da Silva \*  
Eduardo Calil de Oliveira \*\*

**Resumo:** Inserido em um contexto interdisciplinar envolvendo a Genética Textual, a Linguística da Enunciação e a Didática da Escrita, este trabalho visa descrever, analisar e comparar as rasuras orais comentadas (ROC), produzidas por duas díades de alunas recém-alfabetizadas pertencentes a contextos didáticos e socioculturais distintos. Tomando como unidade de análise o diálogo estabelecido durante processos de escritura a dois, sob condições ecológicas e didáticas, discutiremos a ocorrência das ROC, a partir dos tipos de comentários referentes aos objetos textuais em negociação na construção do texto, em 16 processos (8 de cada díade) efetivados pelas alunas ao longo dos dois anos iniciais do Ensino Fundamental I.

**Palavras-chave:** Escrita colaborativa. Rasura. Criação textual.

## COMPARATIVE STUDY ABOUT ORAL ERASURES IN WRITING PROCESSES OF TWO PAIRS OF NEWLY LITERATE STUDENTS

**Abstract:** Insert in an interdisciplinary context involving Genetic Criticism, Linguistic Utterance and Teaching Writing, this paper intends to describe, analyze and compare the verbal erasures commented (VEC) produced by newly literate students belonging to different contexts educational and socio-cultural. Taking as a unit of analysis the dialogue established during two writing processes, under ecological and didactic conditions, we will discuss the occurrence of VECs, based on the types of comments referring to the textual objects being negotiated in the construction of the text, in 16 processes (8 of each dyad) carried out by the students during the initial two years of Elementary School.

**Keywords:** Collaborative Writing. Erasure. Textual Creation.

### Introdução: a rasura na escrita de escreventes novatos

O objetivo da crítica genética é responder à pergunta “Como é criada uma obra?” e, para tanto, os geneticistas se debruçam na análise dos documentos, produzidos pelo autor durante o processo de escrita que não passaram no processo de publicação, para que, dessa forma, ele possa compreender os mecanismos de produção, percorrer os caminhos trilhados e, por fim, entender como se deu o nascimento da obra, ou seja, sua gênese.

A Crítica Genética (doravante CG) foi voltada inicialmente para o estudo e análise dos manuscritos de escritores consagrados e de grande relevância, principalmente no campo da literatura<sup>2</sup>. Contudo, é possível estender essas análises genéticas para outras áreas além da literatura, utilizando-se do estudo de outros produtos textuais. Nesse sentido, podemos analisar por esse mesmo prisma os textos

produzidos em ambiente escolar e, assim, documentar o processo de escrita dos alunos, dando origem a uma vertente da CG dedicada a estudar os “manuscritos escolares”, a Genética Textual (Doravante GT).

Inseridos nesse contexto e elegendo a rasura como índice de reflexão metalinguística na escrita de alunos, os manuscritos escolares são objetos de estudo de vários pesquisadores, dentre os quais destacamos: Fabre (1987, 2004), Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997) e Calil e Felipeto (2004, 2006).

Fabre foi pioneira em explorar os recursos gráficos da rasura na escrita de alunos diferenciando-se dos trabalhos psicolinguísticos que discutiam a metalinguagem tomando a enunciação como instrumento de análise. Além disso, seus estudos deram início a uma vertente da psicolinguística e da crítica genética dedicada a olhar para a produção dos alunos, antes restrita à circulação na sala de aula.

Segundo a autora, as rasuras são como marcas da função metalinguística em ação e, partindo desse pressuposto, são apresentadas quatro operações inerentes ao ato de rasurar: adição, supressão, substituição e deslocamento. Ressalta-se, ainda, que as rasuras produzidas pelos alunos seguem uma ordem de frequência relacionada à operação metalinguística a que correspondem, a saber: supressão > substituição > deslocamento > adição, ilustrando a hipótese de uma emergência progressiva da consciência linguística.

Ela conclui que as mudanças nos rascunhos são indícios das atividades metalinguísticas e epilinguísticas dos alunos, revelando sua relação pessoal com a escrita. Nem toda rasura é potencialmente metalinguística, pois pode remeter à heterogeneidade do conjunto das atividades épi- e metalinguísticas, por exemplo, a motricidade.

Ainda em relação às atividades metalinguísticas realizadas por escreventes novatos, Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabison (1997) partem do princípio de que os “erros” cometidos pelos aprendizes são, na verdade, indícios do processo de aquisição da representação escrita da linguagem em curso, registros dos momentos em que a criança torna evidente a manipulação que faz da própria linguagem, história da relação que com ela (re) constrói ao começar a escrever/ler (ABAURRE et al., 1997).

As pesquisadoras analisam prioritariamente os chamados “dados singulares de aquisição”, ocorrências únicas que, em sua singularidade, talvez não voltem a se repetir jamais (ABAURRE et al., 1997) e centram suas análises em episódios de “refacção textual” (ABAURRE et al., 1997, p. 24), quando o escrevente retorna ao que

já foi escrito e modifica algo, em qualquer parte do texto, que fica marcado graficamente em forma de rasura.

Na análise desses dados, as autoras encontraram rasuras que destacaram problemas ortográficos e morfosintáticos, explicados a partir dos conceitos de “saliência” e “motivação” percebidos nos momentos em que o aluno, influenciado por fatores contextuais e singulares, opta por corrigir um termo incorreto especificamente, em detrimento de outros problemas.

Os episódios de refacção revelam marcas visíveis da escrita adulta (apagamentos, supressões, inserções, substituições, deslocamentos, cancelamentos e outras marcas semelhantes presentes nos textos) que são dados privilegiados para análise, uma vez que, em sua singularidade, indiciam as operações epilinguísticas do sujeito, entendidas pelas autoras como momentos por vezes fugazes de uma breve tomada de consciência do autor de um texto com relação às suas escolhas e às implicações destas no plano textual/discursivo<sup>3</sup>.

Os estudos de Fabre (1987, 2004) e Abaurre, Mayrink-Sabison e Fiad (1997) são bastante representativos no que se refere ao estudo da rasura em ambiente escolar, com alunos no processo de aquisição da escrita e da leitura, porém, apresentam certas limitações metodológicas, uma vez que ambos centram suas análises nas marcas deixadas no papel, seja ele o rascunho ou versão final do texto produzido.

No caso de Fabre (1987), o inventário realizado acerca da quantificação e classificação das rasuras encontradas nos rascunhos de escreventes novatos ajuda a compreender quais operações eles realizam e com que frequência, mas não mostra como ou em que momento determinada rasura foi produzida ou, ainda, quais fatores externos influenciaram o ato de rasurar.

Problema semelhante ocorre na análise de Abaurre, Mayrink-Sabison e Fiad (1997) e as próprias autoras apontam essa dificuldade, quando, ao analisar uma rasura de substituição e observar a adição de uma letra à determinada palavra, concluem que “a partir da análise do produto final, apenas, é impossível afirmar com segurança quando e como a criança operou as modificações indicadas.” (ABAURRE et al., 1997, p. 65). Restando como opção, presumir o porquê e em que momento a criança mudou as letras já escritas.

Calil e Felipeto (2000, 2006) também analisam as rasuras produzidas por alunos recém-alfabetizados, contudo, apresentam como diferencial metodológico o

fato de registrar em vídeo processos de escritura em díades<sup>4</sup>, permitindo o acesso ao produto final, ao texto dialogal produzido por esses alunos ao verbalizar suas reflexões, dúvidas e discordâncias e, ainda, ao registro em tempo real do momento exato em que o aluno rasura seu texto.

Partindo dos trabalhos de Fabre e Abaurre, os autores analisam a natureza e o estatuto das operações metalinguísticas que escreventes novatos realizam ao escrever um texto em díades, tomando como objeto as rasuras encontradas na história inventada "O minino burro", escrita por dois alunos da segunda série do Ensino Fundamental.

Em um pequeno fragmento do texto escrito por Jaques (10 anos e 11 meses) e Anderson (12 anos e 2 meses), foram encontradas sete marcas explícitas de rasuramento: uma metaoperação de "deslocamento" (1<sup>a</sup>), uma de "supressão" (2<sup>a</sup>), cinco "substituições" (3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup>). Diante dessa descrição, os autores passam a questionar:

De que modo tais descrições nos ajudam a entender o processo de rasuramento e a relação da criança com o texto que escreve, ou para ser mais preciso, o que poderia estar interferindo nas denominadas "operações metalingüísticas"? Qual sua natureza e seu estatuto? (CALIL; FELIPETO, 2000, p. 8).

Para elucidar esses questionamentos, os pesquisadores recorreram não apenas ao manuscrito final do texto, mas principalmente ao conteúdo do diálogo estabelecido entre os alunos durante o processo de escritura, cujo acesso somente foi possível graças ao registro audiovisual da prática de textualização.

A análise do texto dialogal demonstrou que nenhuma das rasuras produzidas pela díade "corrigiu" o que estava "errado", ao contrário, acabaram apagando o que estava "certo" para escrever o "errado". Assim, eles defendem que o gesto de rasurar parece ser ocasionado por um efeito imaginário da "correção" ou das práticas discursivas escolares.

O ensino da escrita está alicerçado sobre os discursos que constroem um imaginário de texto acerca das convenções espaciais, gráficas, ortográficas e textuais, como, por exemplo, a necessidade de deixar espaço para paragrafação, a marcação de letras maiúsculas, o lugar do título e das margens, o tipo ou o desenho da letra, a letra ortograficamente correta, etc.

Os autores terminam por concluir que as quatro metaoperações descritas por Fabre (1987, 2004), ajudam a descrever o fenômeno, no entanto, não permitem interpretá-lo. Assim como, também não permitem generalizações, pois esbarram nas singularidades de um sujeito que habita a língua e é por ela constituído. Visto isso, no decorrer dos seus trabalhos, eles passam a analisar, além da rasura escrita em manuscritos escolares, a rasura oral no manuscrito em curso, em que o texto dialogal estabelecido entre as díades durante o processo de escritura ganha maior destaque.

### **Reformulação, escrita colaborativa e rasura oral**

De acordo com Martinot (2005), a reformulação é um processo natural e espontâneo, que ocorre em todos os níveis da produção linguística. Ela se caracteriza pela retomada de um enunciado antecedente que mantém no enunciado reformulado uma parte invariante à qual se articula o resto do enunciado. A parte variante do enunciado fonte é a reformulação.

Gaulmyn (2000), por sua vez, define reformulação como uma atividade intradiscursiva, interna ao discurso do locutor, ou interdiscursiva, de um locutor para outro. Posto isso, a autora apresenta três tipos de reformulação: 1) auto-reformulação encontrada em situações locais e imediatas; 2) a co-reformulação, situada entre dois ou mais interlocutores; 3) as marcas prosódicas (vocais e não-verbais) das situações oral-gráficas da redação conversacional, mostrando que a reformulação, enquanto operação metadiscursiva, envolve variados níveis de análise, do mais restrito ao mais complexo.

Diferente de Gaulmyn, que analisa dados produzidos por uma díade de adultos, Daiute e Dalton (1992, p. 5) estudam o papel da escrita colaborativa em crianças. Os autores identificaram três padrões de interação entre os alunos enquanto escrevem juntos: iniciação, contestação e repetição. A iniciação é o ato de inserir ou mencionar um elemento na história pela primeira vez. Esse padrão aparece em cerca de 5% a 27% dos enunciados analisados pelos pesquisadores. Os outros dois processos têm em comum o fato de estarem relacionados à negação, no entanto, a contestação é mais complexa, pois acontece quando a díade questiona, discorda ou apresenta uma alternativa. Já a repetição, é caracterizada pela recuperação de uma sequência previamente automencionada ou mencionada pelo parceiro. Ela é encontrada em até 70% dos enunciados produzidos pelos sujeitos. Esses padrões de interação

demonstram que os escreventes novatos utilizam processos generativos e reflexivos tal como o escritor experiente.

Partindo desse contexto teórico, Calil e Felipeto vêm delineando, ao longo de seus trabalhos mais recentes, o conceito de rasura oral. No livro “Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas” (2009), Calil trata das relações entre a autoria e a escola a partir da análise dos diálogos estabelecidos entre escreventes novatos enquanto escrevem, em díades, histórias inventadas.

Nessa conjuntura, o autor salienta que a questão metodológica produz efeitos que exigem novas interpretações, pois, uma vez que se registram dois alunos conversando enquanto escrevem uma história, esses dados abrem uma gama de possibilidades de interpretação, como, por exemplo, considerar as reformulações orais feitas por tais alunos diante do texto que estão produzindo como uma espécie de rasura (CALIL, 2004, p. 57).

A partir dos processos de escritura das histórias “A mãe má” e “A família Fim atrapalhada”, inventadas por uma díade de alunas, o autor busca ilustrar o funcionamento das relações entre sujeito e sentido, partindo da análise das rasuras encontradas no manuscrito e dos diálogos estabelecidos durante essas práticas de textualização. A investigação desses processos de escritura aponta para dois modos de pensar a rasura.

No processo “A mãe má”, o autor identificou um atravessamento do discurso pedagógico no processo de formulação enunciativa da história ao verificar, por exemplo, certa preocupação com a forma escrita das palavras e a recorrência de falas que demonstram que as alunas assumiram uma posição discursiva semelhante à do professor ou do pai que corrige o que é escrito pelo aluno e exige um traçado bem feito. Essa posição discursiva se revela em enunciados como: “Ann... isso é H”, “Olha o tamanho do U que ela faz” ou “O que que é essa letra?”.

Já com o processo “A família F atrapalhada” o autor busca ilustrar a tensão existente entre o previsível e o imprevisível, o estável e o instável. Nesse processo, as alunas subvertem a lógica textual e a formação discursiva predominante ao usar a palavra “fim”, que invariavelmente encerra os textos, num primeiro momento, atrelada ao título e depois como personagem da história, rompendo com a previsibilidade e provocando um redirecionamento, uma quebra no funcionamento lógico de um conjunto de enunciados que predominam nas histórias lidas e inventadas pelas crianças.

A análise do processo de formulação oral dessa história suscitou também reflexões acerca das reformulações enunciativas ou rasuras orais produzidas pelas alunas quando retomavam algum aspecto do texto:

Esta ruptura produzida pelo processo morfológico também parece apontar para um outro lugar. A reformulação (rasura oral) sobre “fimo” e “fima” e a escrita de “fumo” e “fina” estaria indiciando um movimento em direção ao já atestado. Assim como no deslocamento da palavra “fim” tem-se a perda do sentido que a faz “virar” nome próprio, na tentativa de se derivar o nome dos pais, o mesmo efeito precisa ser produzido. (CALIL, 2004, p. 107).

Posteriormente, Calil retoma o conceito de rasura oral, diferenciando-o do conceito de reformulação oral. Segundo o autor, a particularidade que a distância das reformulações orais está nas condições de produção, uma vez que o fato dos alunos estarem “falando algo para ser escrito” (Calil, 2008, p. 55) interfere na própria possibilidade de enunciação. Não se reformula somente o que foi dito, mas também o que já foi efetivamente escrito.

Os autores discutem, ainda, a emergência dos pontos de tensão (CALIL, 2010, p. 4) momentos em que os coenunciadores interrompem o diálogo em curso, em razão de algum tipo de conflito, correção ou desacordo, o que resulta em questionamentos, suspensão e até modificações no que está sendo escrito. Essa interrupção está relacionada ao caráter recursivo da escritura, suscitando um retorno sobre o que já foi escrito ou sobre o que foi dito para ser escrito.

Por fim, em Calil e Felipeto (2012, p. 3), os autores descrevem os tipos de rasuras orais feitas por uma díade de alunas recém alfabetizadas, durante o processo de escritura de narrativas ficcionais inventadas por elas. Tomando a rasura oral como forma particular de reformulação presente no processo coenunciativo de escritura em díades e os comentários como objeto de análise, as ROC (rasuras orais comentadas) seguem a seguinte estrutura:

A = X.

B = [X] (NÃO) + Z

Onde **A** e **B** representam os interlocutores, **X** é o objeto do discurso e a sentença **[X] (NÃO) + Z** é a representação do Comentário ou Glosa realizados sobre enunciações precedentes, referentes aos objetos de discurso em negociação na

construção do texto. Z pode, ainda, apresentar os seguintes tipos de comentários: Gráfico-Visual (doravante GV), Pragmático (doravante PRA), Ortográfico (doravante ORT), Lexical (doravante LEX), Semântico (doravante SEM), Sintático (doravante SIN), Textual (doravante TEX) e Pontuação (doravante PON).

A análise do processo de escritura e do manuscrito: “A madrasta e as duas irmãs”, revelou três formas de manifestação de rasura oral. Essas rasuras são acompanhadas de comentários que justificam a entrada ou a saída de algum elemento da cadeia sintagmática e foram identificadas como TEX, referente à unidade textual da história na escolha do título; pragmática, referente às condições imediatas de sua produção; semântica, referente à escrita da palavra *Zumbacalabumba* para representar o som de magia de uma fada.

Os autores concluem que o diálogo, além de favorecer o debate, potencializa a reflexividade sobre a palavra, produzindo meta-enunciados e indicando importantes operações metalinguísticas para entender o processo de criação por alunos recém-alfabetizados. A interação entre as díades não só favorece a reflexão sobre os elementos narrativos como também permite a descoberta, por meio das rasuras orais<sup>5</sup>, dos processos genéticos da criação de texto por escreventes novatos.

### **O percurso metodológico da pesquisa: a constituição do *corpus***

O *corpus* de nosso estudo foi composto por 16 processos de escritura produzidos por duas díades de alunas e obtidos do banco de dados pertencente ao Laboratório do Manuscrito Escolar (L'ÂME). Foram utilizados dados relativos às coletas realizadas em duas escolas: Escola da Vila, em 1991 e 1992 e Escola Lamenha Lins em 1996 e 1997. Todos os dados coletados foram agrupados em dois dossiês nomeados como “VILA” (1991-1992) e “LAMENHA” (1996-1997) e a escolha desses dados em especial baseou-se nos seguintes critérios: ambas as díades filmadas eram formadas por meninas que tinham entre 6 e 7 anos, eram amigas e recém-alfabetizadas, além de terem produzido o mesmo gênero, Histórias Inventadas.

#### *A coleta*

A coleta em ambas as escolas ocorreu de forma semelhante, pois se procurou manter as condições ecológicas da sala de aula ao registrar o processo de escritura das díades. As alunas foram acompanhadas ao longo dos dois anos iniciais do Ensino

Fundamental e as 8 coletas de cada foram realizadas em situações de produção de texto, nas quais as respectivas professoras pediam às díades que inventassem uma história.

Na Escola da Vila, a escrita colaborativa e a leitura de textos da literatura infantil eram uma prática cotidiana e fazia parte da proposta pedagógica de cunho construtivista da instituição. As alunas eram letradas e fazia parte de sua rotina escolar o trabalho em dupla e a produção de texto, incluindo o gênero Histórias Inventadas.

Na Escola Lamenha Lins, onde a prática didática não valorizava a leitura de textos literários, foi executado, em conjunto com a escola, o projeto “Práticas de textualização na escola”, com o objetivo de repertoriar os alunos com narrativas ficcionais e fazê-los avançar na compreensão da base alfabética. O projeto contava com diversas atividades de leitura, compreensão e produção de histórias desse gênero.

#### *Escola da Vila e a díade paulista*

A Escola da Vila é uma instituição particular de ensino pautada em uma prática pedagógica construtivista, cujos alunos pertencem à classe média e média-alta da cidade de São Paulo. A escola conta com uma boa estrutura física e oferece aos alunos, como complemento às aulas, diversas atividades artísticas e culturais.

Isabel iniciou as filmagens com 6 anos e 5 meses de idade e Nara com 5 anos e 9 meses. A díade foi acompanhada desde o início do ano letivo de 1991, quando as meninas cursavam o último ano da educação pré-escolar, até o final do ano letivo de 1992, quando concluíram a 1ª série do Ensino Fundamental.

#### *Escola Lamenha Lins e a díade alagoana*

A Escola de Ensino Fundamental Antônio Semeão Lamenha Lins é uma instituição de ensino pública, mantida pelo governo municipal de Maceió. Ela fica localizada no bairro do Jacintinho, mas sua clientela também é formada por alunos vindos de outros bairros periféricos. As maiorias dos seus alunos vêm de famílias de classe média e com um baixo índice de letramento.

Flávia Bento Silva de Lima tinha no início das filmagens 7 anos e 3 meses de idade e Rafaela Gonçalves de Freitas, 7 anos e 11 meses. A díade foi acompanhada desde o início do ano letivo de 1996, quando cursavam a 1ª série, até o final do ano letivo de 1997, quando concluíram a 2ª série do Ensino Fundamental. As meninas

eram recém-alfabetizadas e sua turma participou de um projeto de leitura e produção implantado na escola durante a coleta dos dados.

### *Procedimentos de coleta*

Em ambos os casos, o professor ou o pesquisador organizava a turma em díades, procurando sempre manter a dupla a ser filmada. Após arrumar a sala, era dada uma consigna que poderia ser tema livre ou um título específico designado para a proposta e definido, entre as alunas, quem iria escrever e quem iria ditar a história. Em seguida, era dado um tempo para que combinassem a história e, depois, quando solicitado pela dupla, era entregue uma folha pautada e a caneta.

Procurou-se, durante a coleta, preservar as características reais das condições de produção escrita em situações de ensino-aprendizagem, aproximando-se de uma metodologia de caráter ecológico que permite a observação dos diversos fatores (didáticos, pragmáticos, linguísticos, etc.) que influenciam a produção escrita.

O registro audiovisual foi realizado por uma câmera que tinha foco fixo na dupla e no papel e por um microfone instalado abaixo da carteira. A filmagem é um procedimento metodológico essencial, pois fornece o acesso a todo o ambiente de sala de aula, além de uma gama de informações que permeiam o processo de escritura, tais como: os gestos, as mudanças na voz, a direção do olhar, o traço no papel, a rasura, a interação com os colegas, os comentários do professor dirigidos para a sala toda, etc.

### *Seleção e tratamento dos dados*

Foram selecionados quatro processos entre os produzidos por ambas as díades a cada ano da coleta. Os critérios utilizados para a escolha desses processos, em detrimento de outros produzidos no mesmo período, foram: a) serem escritos pela mesma díade; b) serem histórias originais, já que também era parte do projeto didático executado na Escola Lamenha a reescrita de histórias já lidas pelos alunos; c) serem 1ª versão, pois também era parte das atividades na Lamenha, exercitar a revisão textual, com a intervenção da professora e posterior escrita de sucessivas versões até chegar ao texto final; d) Em ambas as escolas, a coleta foi realizada em dois anos escolares, permitindo uma análise longitudinal dos dados. Porém, esta pesquisa dedica-se a observar apenas as fases de planejamento e invenção da história.

Seguindo esses critérios, chegou-se aos 16 processos abaixo.

ISABEL E NARA (VILA)		FLÁVIA E RAFAELA (LAMENHA)	
Madrasta e as duas irmãs	25/04/91	A princesa e o sapo	23/10/96
As irmãs	06/06/91	A galinha dos ovos de ouro	30/10/96
A menina dos olhos azuis	26/09/91	Leonardo e Laressa	30/10/96
Um fim de semana atrapalhado	17/11/91	O cristal mágico	27/11/96
A princesa e a pedra encantada	26/02/92	O coelho sapeca	07/03/97
Em uma casa na floresta	29/05/92	A bruxa do largo encantado	28/04/97
A menina espuleta	12/06/92	A praia que nunca foi poluída	19/08/97
O saco e João contra os meninos da rua	25/06/92	A pedra do desejo	02/09/97

Quadro 1: Processos selecionados para análise.

Todas as filmagens coletadas em VHS foram digitalizadas, transcritas e hoje fazem parte do acervo do laboratório (L'ÂME). Por meio das transcrições, realizamos a busca e classificação de todas as rasuras orais encontradas nos processos e, posteriormente, a transferência de todos os dados para o programa Excel, no qual foram realizados os cálculos estatísticos e a produção das tabelas e gráficos, que auxiliaram tanto nas análises quantitativa e qualitativa dos dados, quanto na comparação entre as díades.

## Resultados

Nesta seção, serão apresentados os resultados da análise comparativa dos 16 processos de escritura em atos produzidos por duas díades de alunas recém-alfabetizadas. Este estudo buscou quantificar, classificar e descrever as rasuras orais comentadas realizadas durante a escritura de Histórias Inventadas por essas crianças.

### *Panorama geral da ocorrência de Rasuras Orais Comentadas*

Ambas as díades produziram rasuras orais seguidas de comentários, chegando a um total de 509 rasuras encontradas nos 16 processos que compõem o *corpus*, com uma média de 31,8 rasuras por processo. A proporção entre as díades é a seguinte.

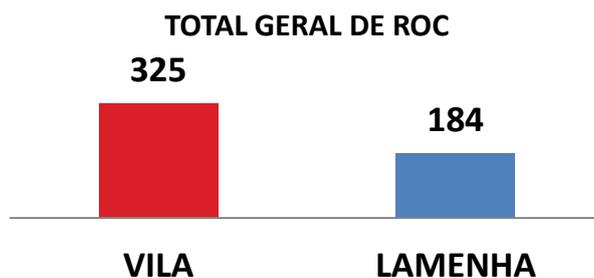


Gráfico 1: Total geral de Rasuras Orais Comentadas.  
Fonte: AUTORES, 2014. Dados da pesquisa.

De início, nota-se uma diferença de mais de 40% na quantidade geral de ROC de uma díade para outra. A média de ROC por escola é de 40,6 rasuras para a Escola da Vila e de 23 para a Lamenha Lins, em 8 processos analisados de cada díade.

No gráfico abaixo, podemos observar a evolução da quantidade de ROC ao longo desses processos.

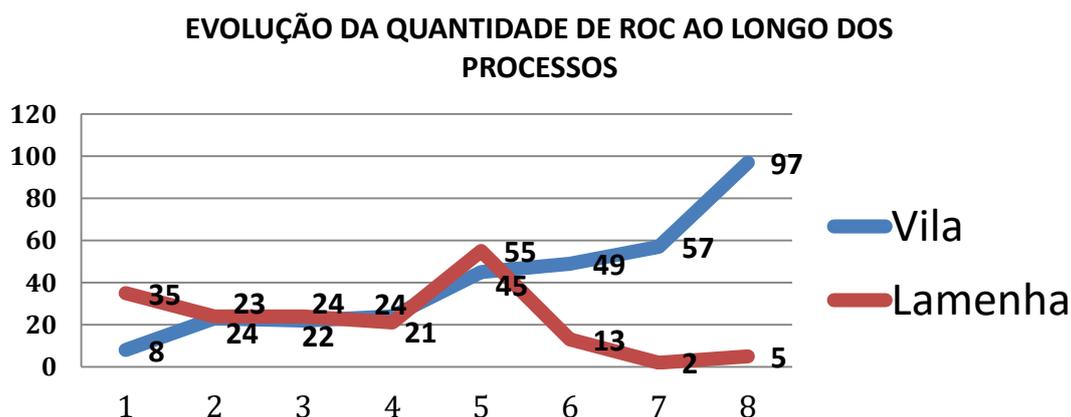


Gráfico 2: Evolução da quantidade de Rasuras Orais Comentadas ao longo dos processos.  
Fonte: AUTORES, 2014. Dados da pesquisa.

Esses dados mostram-nos que ambas as díades apresentaram trajetórias diferentes em relação à evolução da quantidade de ROC por processo. Na díade da Vila, a curva é crescente, partindo de 8 ROC no primeiro processo (1) até atingir o pico de 97 ROC no último (8).

Seus números apontam para certa estabilidade nos 4 processos de 1991, com quantidades de ROC na casa dos 20, com um salto de produção no primeiro processo do ano 2 (5), no qual produziram 45 ROC, continuando num crescente até registrar 97 ROC no processo 8, que, inclusive, apresentou um aumento aproximado de 40% em relação ao processo 7.

A díade da Lamenha, por sua vez, apresenta uma curva de desenvolvimento decrescente, partindo de 35 ROC no primeiro processo até culminar na quantidade de 5 ROC no último processo. Chama a atenção, no entanto, o fato de, assim como na díade da Vila, nos últimos três processos do ano de 1996 (2,3,4), as quantidades se equipararem, na casa dos 20, para um posterior crescimento no primeiro processo do 2º ano (1997), processo no qual as meninas apresentaram seu pico de produção, com 55 ROC no processo 5.

Porém, ao contrário da díade da Vila, a partir do processo 5, a quantidade de ROC produzidas pelas alunas da Lamenha apresentou uma queda vertiginosa, resultando no processo com a segunda menor quantidade de ROC dentre os 16 processos, 5 ROC.

Nossas hipóteses para esses resultados é que, enquanto na díade da Vila, as alunas apresentaram melhor qualidade na interação intradíade, possibilitando uma maior troca de conteúdo, relacionados aos aspectos metatextuais e metalinguísticos do texto a ser produzido. Na díade da Lamenha, houve uma queda nesse sentido, resultando em processos com pouca conversa entre as alunas e, conseqüentemente, menos reflexão metatextual e metalinguística.

#### *Rasuras Orais Comentadas e seus tipos*

Em relação aos tipos encontrados, como podemos ver no gráfico abaixo, a diferença se mantém.

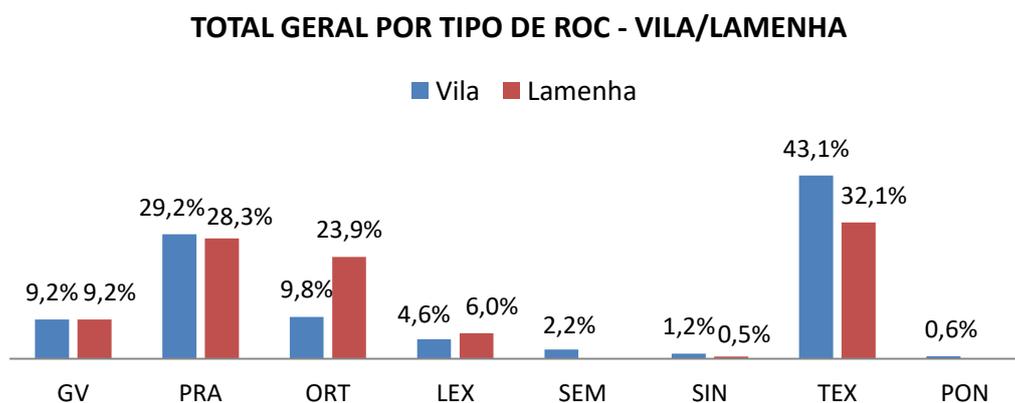


Gráfico 3: Total geral por tipo de Rasura Oral Comentada – Vila/Lamenha.  
Fonte: AUTORES, 2014. Dados da pesquisa.

A díade da Escola da Vila produziu uma variedade maior de tipos de rasuras, todos os 8 tipos já classificados. A saber: gráfico-visual, pragmática, ortográfica,

lexical, semântica, sintática, textual e de pontuação. A díade de alunas da Lamenha, por sua vez, produziu 6 dos 8 tipos: GV, PRA, ORT, LEX, SIN e TEX.

O gráfico mostra, também, quais foram as rasuras produzidas em maior e menor quantidade pelas díades. Chamamos a atenção para o fato de que, mesmo com uma grande diferença quantitativa de uma díade para outra, os tipos de rasuras com maior ocorrência em ambas as díades são ORT, PRA e TEX. Esse fenômeno também se mantém nos tipos produzidos em menor quantidade: SIN, PON e SEM.

Essa semelhança, talvez, possa estar relacionada ao momento em que se encontram no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. Ou seja, as alunas foram alfabetizadas recentemente e estão escrevendo pela primeira vez, seus próprios textos. Nestas condições, questões sobre a escrita convencional das palavras são recorrentes e necessárias. Além de dispensarem uma atenção maior para os aspectos coesivos e coerentes do texto que foi combinado e está sendo escrito, já que são suas primeiras produções textuais e, por fim, estarem em uma situação de escrita colaborativa, que favorece a contestação (DAIUTE, 1992) e conflitos relacionados à interação intradíade, o que se revela nas ROC de caráter pragmático.

#### *Rasuras orais comentadas e as alunas*

Quantificamos as rasuras produzidas por cada aluna ao longo dos oito processos.

#### **TOTAL GERAL DE ROC POR ALUNA - VILA/LAMENHA**

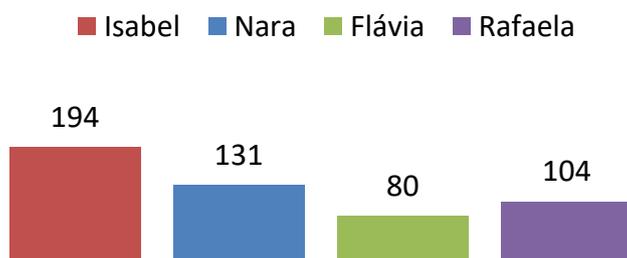


Gráfico 4: Total geral de Rasuras Orais comentadas por aluna – Vila/Lamenha.  
Fonte: AUTORES, 2014. Dados da pesquisa.

Todas as alunas produziram rasuras orais e em ambas as duplas uma das alunas produziu mais rasuras que a outra. Contudo, cabe ressaltar que na díade da Lamenha os valores são próximos, ou seja, as alunas produziram mais ou menos a mesma quantidade de ROC, com uma diferença de apenas 23%. Na díade da Escola

da Vila, há uma diferença um pouco maior entre as alunas: Isabel produziu 33% rasuras a mais que Nara. O gráfico abaixo ilustra a quantidade geral de ROC por aluna, distribuída entre os 8 tipos.

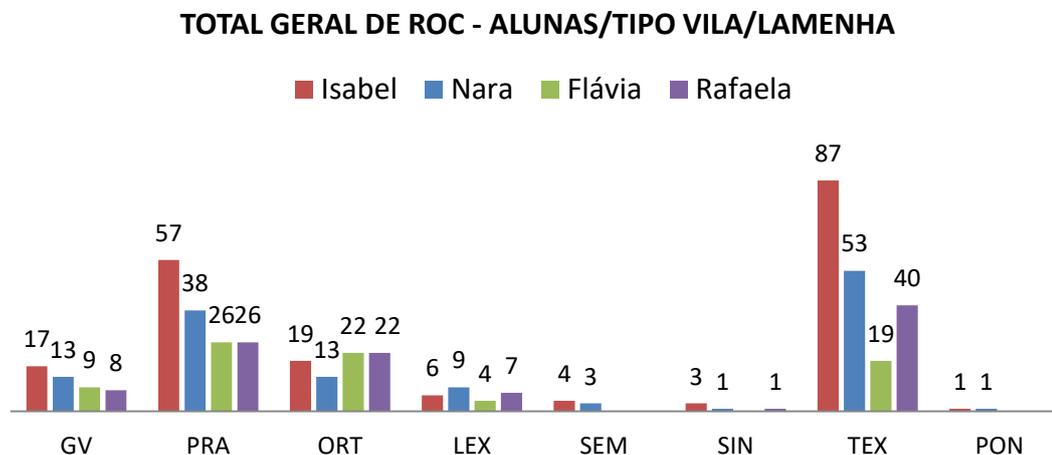


Gráfico 5: Total geral de Rasuras Orais Comentadas – alunas/tipo Vila/Lamenha.  
Fonte: AUTORES, 2014. Dados da pesquisa.

Podemos observar que Isabel e Nara, além de produzirem juntas mais de 63% do total das ROC, também produziram ROC de todos os oito (8) tipos. Sendo que as ROC TEX e a PRA são as que aparecem com mais frequência, enquanto que a ROC PON e SIN são as menos produzidas por ambas. Isabel foi a aluna que mais produziu ROC em 6 dos 8 tipos classificados, contudo, com destaque para a ROC TEX, em que ela produziu sozinha 87 ROC, ou 43% do total desse tipo.

Na díade da Lamenha, observamos que Flávia produziu 5 tipos, enquanto Rafaela produziu 6 tipos, com quantidades aproximadas entre si, exceto pela ROC TEX, a qual Rafaela produziu o dobro de ROC em relação à Flávia. Esta diferença na quantidade de ROC entre as alunas sugere que há uma diferença também no nível de conhecimento metalinguístico e metatextual que elas detêm. Isso permite trazeremos a hipótese de que quem mais sabe, mais rasura, o que poderia ser verificado em estudos futuros.

### *Discussão dos resultados*

Os dados quantitativos apresentados fornecem um panorama geral acerca da ocorrência de ROC em processos de escritura de duas díades de alunas recém-alfabetizadas, permitindo-nos observar algumas regularidades e diferenças presentes na produção das díades.

Primeiramente, gostaríamos de sublinhar a produção de uma quantidade significativa de ROC nos processos de ambas as díades (509 no total). Os números demonstram a constância e a relevância desse fenômeno em processos de escrita a dois, mesmo em diferentes contextos socioculturais e didáticos, como mostrado em nossos resultados.

Essas características também podem ser verificadas ao analisarmos a qualidade diversa de tipos de ROC produzidos, pois, ao resgatar o movimento recursivo e metalinguístico estabelecido pelos escreventes, a ROC contribui para a reflexão de diferentes aspectos textuais, como a coerência e a coesão (ROC TEX), os aspectos discursivos (ROC LEX e SEM) e gramaticais (ROC ORT, SINT, PONT).

Demonstramos, também, que as rasuras orais estão relacionadas ao momento de aprendizagem e à prática didática estabelecida. Nesse sentido, as ROC TEX, produzidas em maior número em ambas as díades, revelam que essas alunas, escreventes novatas, produzindo seus primeiros textos, estão atentas aos fatores coesivos e coerentes do texto em vias de produção.

Do mesmo modo, as ROC ortográficas, sintáticas e de pontuação também estão relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem e à prática didática e o seu aparecimento nos textos dialogais revelam que mesmo crianças recém-alfabetizadas realizam reflexões metalinguísticas.

Salientamos, ainda, que a quantidade de ROC referente a esses tipos demonstra que, devido ao momento de aprendizagem, as ROC ORT são mais frequentes nos processos das alunas, que, por serem recém-alfabetizadas, estão se apropriando das normas de ortografia e começando a utilizá-las em seus textos, mesmo que apresentem dúvidas em relação ao uso, expressadas muitas vezes em forma de rasura oral.

Já a baixa ocorrência de ROC SIN e de PONT, tanto na díade da Lamenha, quanto na díade da Vila, demonstra que esses aspectos da língua apresentam uma maior complexidade na escrita de alunos recém-alfabetizados, ou seja, ainda são de difícil entendimento para alunas dessa faixa etária e nível de aprendizagem.

A ROC traz o confronto entre subjetividades e coloca em destaque a alteridade do processo interacional e o dialogismo interlocutivo, visto isso, ressaltamos a grande quantidade de ROC PRA encontrada no corpus (em ambas as díades esse é o segundo tipo mais produzido) o que a caracteriza como um recurso interacional, uma vez que o locutor, ao rasurar oralmente, serve-se de elementos presentes no contexto

interacional (acordos, combinados, papéis definidos na tarefa, etc.) para justificar o porquê de se escrever ou de se manter elementos já escritos ou a serem escritos.

Dessa forma, por meio da especificidade da rasura oral comentada, podemos levantar vários motivos que justificam a escrita a dois de um único texto, em contexto escolar, como um recurso eficaz para o desenvolvimento metalinguístico e metatextual, inclusive em alunos recém-alfabetizados, como buscamos demonstrar em nosso estudo.

Do ponto de vista enunciativo, a escrita a dois favorece significativamente o surgimento do diálogo entre os alunos, possibilitando a ocorrência de rasuras orais e a constituição de relações de alteridade (Outro, Cultura, Língua), uma vez que:

Nenhuma palavra vem neutra “do dicionário”; elas são todas “habitadas” pelos discursos em que viveram “sua vida de palavras”, e o discurso se constitui, pois, por um encaminhamento dialógico, feito de acordos, recusas, conflitos, compromissos... pelo “meio” dos outros discursos. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 68).

Destacando, assim, o caráter multimodal da escrita, que é essencialmente um processo sócio-histórico, pois sua dinâmica criativa depende da inter-relação de uma grande diversidade de fatores históricos, culturais, sociais, individuais, linguísticos, cognitivos, interacionais, comunicacionais, didáticos, etc.

Permite compreender, também, as formas de manifestação do dialogismo (BRÈS; NOWAKOSKA, 2006), pois o dialogismo interlocutivo é retratado em cada turno de fala, marcado por uma resposta à enunciação precedente e ocorre ao longo de todo o texto dialogal compartilhado pelas alunas, enquanto que o dialogismo interdiscursivo, por sua vez, pode ser percebido em algumas formas de manifestação da rasura oral que evocam discursos anteriores, sobre o mesmo objeto.

Pelo prisma da Genética Textual, a escrita em díades na sala de aula potencializa o processo de criação dos alunos ao mesmo tempo em que recupera as relações associativas, como demonstradas por Calil (2014b) ao pesquisar a memória e a associação em processos de escritura em ato de criação de poemas, por alunos recém-alfabetizados:

Neste sentido, poderíamos estabelecer como hipótese que a criatividade, produzida nestes contextos didáticos de produção textual,

estaria relacionada à riqueza e diversidade dos tipos, das séries e redes associativas, colocando em relação elementos recuperados da memória e da cultura, advindos de domínios distantes. (CALIL, 2014b, p. 29).

Esse procedimento didático-metodológico também permite a preservação do manuscrito oral, em sua dimensão temporal e espacial, assim como permite o acesso ao momento exato da rasura (escrita) e à enunciação em ato. Nesse caso, podemos também assumir a reformulação oral como uma operação metalinguística ligada ao ato de rasurar, caracterizando, assim, a rasura oral.

Na perspectiva didática, ressaltamos que a escrita a dois favorece a reflexão acerca de vários aspectos textuais (coesão e coerência) e gramaticais (ortografia, pontuação, acentuação, sintaxe, etc.). Logo, a ROC pode ser, também, um importante instrumento para a avaliação da aprendizagem e para o diagnóstico didático, pois os comentários produzidos pelos alunos, geralmente, apresentam as dúvidas e reflexões acerca desses conteúdos.

De acordo com Storch: “[...] estudantes trabalhando em pares produziram textos menores, porém, mais precisos gramaticalmente, linguisticamente mais complexos e com foco melhor definido [...]” (STORCH, 2005, p. 163), em comparação com estudantes que realizaram a mesma atividade individualmente.

A escrita colaborativa favorece também a formação de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) entre pares. Daiute e Dalton (1993) apontam que a zona de desenvolvimento proximal é relativa e dinâmica pois:

Apesar das duas crianças serem, por exemplo, escreventes novatos, elas têm pontos fortes e habilidades para compartilhar. Novatos são experts quando variam em seu domínio dos variados aspectos da habilidade da escrita. E essas habilidades podem vir a tornarem-se úteis em diferentes pontos durante a colaboração. Um escritor pode ter mais facilidade em ortografia e o outro em desenvolvimento de histórias. Um parceiro pode saber o significado da palavra que o seu par precisa para expressar uma ideia, um parceiro pode saber um fato que pode ajudá-los a desenvolver o texto. (DAIUTE; DALTON, 1993, p. 11).

As diferentes habilidades e conhecimentos dos alunos podem se tornar relevantes em diversos momentos durante o processo e como as crianças estão testando e lutando contra as suas limitações, eles podem contar com o parceiro como apoio no desenvolvimento de habilidades complementares.

Pelo enfoque cognitivo, salientamos que a escrita a dois fornece material para se compreender as relações existentes entre ideia, memória, linguagem e cognição e, por fim, favorece a compreensão de relações entre os diferentes subprocessos da atividade escrita, a saber: planejamento, formulação e revisão.

### **Considerações Finais**

Nossos resultados mostraram que as díades produziram uma quantidade significativa de rasuras orais comentadas (509 no total) e uma qualidade diversa de tipos. Em relação aos tipos, salientamos que, mesmo com uma grande diferença quantitativa de uma díade para outra, os tipos de rasuras com maior ocorrência em ambas as díades são “ortográfico”, “pragmático” e “textual”.

Esse fenômeno também se mantém nos tipos produzidos em menor quantidade (sintática, de pontuação e semântica), o que demonstra que a ROC está relacionada ao momento de aprendizagem da língua em que as alunas se encontram e dá visibilidade ao modo como os alunos estão pensando o texto em curso e como, espontaneamente e em tempo real, constituem as operações metalinguísticas e textuais.

Destacamos como diferença significativa entre os resultados das díades: enquanto a díade da Vila aumentou sua quantidade de ROC por processo ao longo dos dois anos, a díade da Lamenha apresentou um decréscimo no seu total. A queda na produção da díade formada por Flávia e Rafaela sugere que a quantidade de ROC por processo pode estar relacionada à qualidade da interação entre as alunas.

Entre as alunas também encontramos divergências. Na díade da Vila, Isabel, que aparentemente tinha um maior conhecimento dos aspectos linguísticos, rasurou bem mais que a Nara, com uma diferença de mais de 40%, enquanto que na díade da Lamenha, na qual as alunas tinham um nível de conhecimento sobre a língua aproximado, elas apresentaram resultados semelhantes entre si. Esses dados demonstram que pode haver uma diferença no nível de conhecimento metalinguístico e metatextual entre alunos na mesma idade e fase escolar e nos permite formular a hipótese de que quem sabe mais acerca desses aspectos linguísticos, termina por produzir mais rasuras.

Por fim, compreendemos que a ROC pode ser um importante instrumento para a avaliação da aprendizagem e para o diagnóstico didático e esperamos com esse

estudo contribuir com as pesquisas desenvolvidas pelo L'ÂME, no sentido de validar cientificamente este fenômeno coenunciativo.

## NOTAS

\* Mayara Cordeiro da Silva é doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL), vinculada ao Grupo de Pesquisa Escrita, Texto & Criação (ET&C) e ao Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME). E-mail: mayaracordeiro05@gmail.com

\*\* Eduardo Calil de Oliveira é professor titular do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), coordenador do Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME) e Líder do Grupo de Pesquisa Escrita, Texto & Criação (ET&C). E-mail: eduardocalil@me.com

<sup>1</sup> Este estudo fez parte do projeto de pesquisa “Escritura na sala de aula: propostas, práticas, processos e produtos – ESALA”, financiado pelo CNPq (processo 305212/20111-1).

<sup>2</sup> Podemos destacar como autores que tiveram suas obras analisadas por geneticistas: Flaubert, Proust e Sartre.

<sup>3</sup> No que diz respeito ao conceito de Texto e Discurso, adotamos a visão Bakhtiniana, que entende que o discurso é a língua em sua integridade, concreta e viva, e não como objeto específico da Linguística. Compreendendo assim, que o discurso não é individual, mas sim dialógico, pois se constrói entre pelo menos dois interlocutores, que por sua vez, são seres sociais e mantém relações com outros discursos que os precederam, construindo dessa maneira um “diálogo entre discursos”. Já o texto é da ordem da formulação em sua materialidade como historicidade significante e significada, é a manifestação concreta do discurso e parte de um processo pelo qual se tem acesso indireto à discursividade (BAKHTIN,1997).

<sup>4</sup> Conceito relacionado à Genética Textual e engloba a análise pelo geneticista “das operações sistemáticas da escritura – escrever, acrescentar, suprimir, substituir, permutar– pelas quais identifica os fenômenos percebidos. A partir dessas redes de operações, ele forma conjecturas sobre as atividades mentais subjacentes. Ele constrói [...] hipóteses sobre os caminhos percorridos pela escritura e sobre as significações possíveis desse processo de criação”. (BIASI, Op. cit.,2010, p. 29-30).

<sup>5</sup> Esta técnica de coleta de dados, a partir da escritura em díades, ou seja, o registro do processo de escritura em ato de um texto, escrito colaborativamente por dois escreventes, vem sendo desenvolvida por Calil desde 1989. Técnica metodológica semelhante, mas de caráter semi experimental, foi usada por Gaulmyn, em seus estudos sobre “redação conversacional”, quando registrou em áudio, entre dois estudantes estrangeiros universitários durante a elaboração de um texto argumentativo. Os trabalhos oriundos da análise desse corpus foram reunidos na obra “Les processus de la rédaction collaborative” (BOUCHARD; MONDADA, 2010).

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; FIAD, Raquel Salek; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura. (Eds.). **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto**. Campinas, ALB/Mercado de Letras, 1997.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer, **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 6-20, jan./mar. 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BIASI, Pierre-Marc de. **A genética de textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BOUCHARD, Robert.; MONDADA, Lorenza. (orgs.). **Les processus de la rédaction collaborative**. Paris: L'Harmattan, 2005.

BRÉS, Jacques. Savoir de quoi on parle: dialogue, dialogal, dialogique; dialogisme, polyphonie, In: BRES, Jacques et al. (org.), **Dialogisme, polyphonie**: approches linguistiques. Paris, De Boeck.duculot: p.47-61. 2005.

BRÉS, Jacques; NOWAKOWSKA, Aleksandra. Dialogisme: du principe à la matérialité discursive. In: PERRIN, Laurent. (org.), **Le sens et ses voix, Recherches linguistiques**, 28, Metz : Université de Metz, p.21-48, 2006.

CALIL, Eduardo. A criança e a Rasura. **Letras de Hoje**: Porto Alegre. v. 33, n.2, p. 13-21, junho de 1998.

CALIL, Eduardo; FELIPETO, Cristina. **Rasuras e operações metalinguísticas**: problematizações e avanços teóricos. Cad. Est. Ling., Campinas, v.39, p.95-110, Jul./Dez. 2000.

CALIL, Eduardo. **Autoria**: a criança e a escrita de histórias inventadas, Londrina, Eduel, 2004.

CALIL, Eduardo. **Escutar o invisível**: escritura e poesia na sala de aula. São Paulo, UNESP; Rio de Janeiro, FUNARTE, 2008.

CALIL, Eduardo. La *rature orale* en processus d'écriture en acte: lieu de tension et production du sens. In: LORDA, Clara (org.). **Polifonía e Intertextualidad en el Diálogo**. Oralia, Arco Libros, Madrid: Sous Presse, 2010.

CALIL, Eduardo. **Rasuras orais em Madrasta e as duas irmãs**: processo de escritura de uma díade recém-alfabetizada. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 589-602, jul./set., 2012.

CALIL, Eduardo; FELIPETO, Cristina. Rasuras orais semânticas na escritura a dois: a metaenunciação em histórias inventadas. **Revista Intersecções**, Natal, ano 7, n. 2, p. 150-164, maio, 2014.

CALIL, Eduardo. Escritura, memória e associação: processos de criação de poemas por alunos recém-alfabetizados. **Revista Anpoll**, Florianópolis, vol. 1, n. 36, p. 371-402, 2014.

DAIUTE, Colette; DALTON, Bridget. Collaboration between children learning to write: Can novices be masters? **Cognition and Instruction**, Cambridge, n.10, v. 4, p. 281-333, 1993.

FABRE, Claudine. Des variantes de brouillon au cours préparatoire. **E. L. A.**, no 62. Paris, 1986.

FABRE-COLS, Claudine. Brouillons scolaires et critique génétique: nouveaux regards, nouveaux égards? **Linx**, Paris, n. 51, p. 13-24, 2004.

FELIPETO, Cristina. **Rasura e equívoco no processo de escritura em sala de aula**. Londrina: EDUEL-Ed. Universidade Estadual de Londrina, 2008.

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de Crítica Genética**: ler os manuscritos modernos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GAULMYN, Marie-Madeleine de. Processus de reformulation dans des tâches d'écriture collective. In: BERTHOUD, Anne-Claude; MONDADA, Lorenza. (ed) **Modèles du discours en confrontation**. Bern; Berlin; Bruxelles; Frankfurt; New York; Oxford; Wien. Edition scientifiques européennes, 2000.

MARTINOT, Claire. Qu'est-ce-que la Reformulation? Nécessité d'une redefinition Lublin: **Roczniki Humanistyczne** (Annals of Arts), Flight LIII, fasc. 5, p. 5-13. 2005.

NOWAKOWSKA, Aleksandra. Dialogisme, polyphonie: dès textes russes de M. Bakhtine a La linguistique contemporaine. In: BRES, Jacques et al. (eds), **Dialogisme, polyphonie: approches linguistiques**. Paris, De Boeck.duculot: p. 47-61, 2005.

STORCH, Noemy. Collaborative writing: Product, process, and students' reflections, **Journal of Second Language Writing** 14, p. 153-173, 2005.

Recebido em: novembro de 2017.

Aprovado em: janeiro de 2018.